

Tesouro esquecido

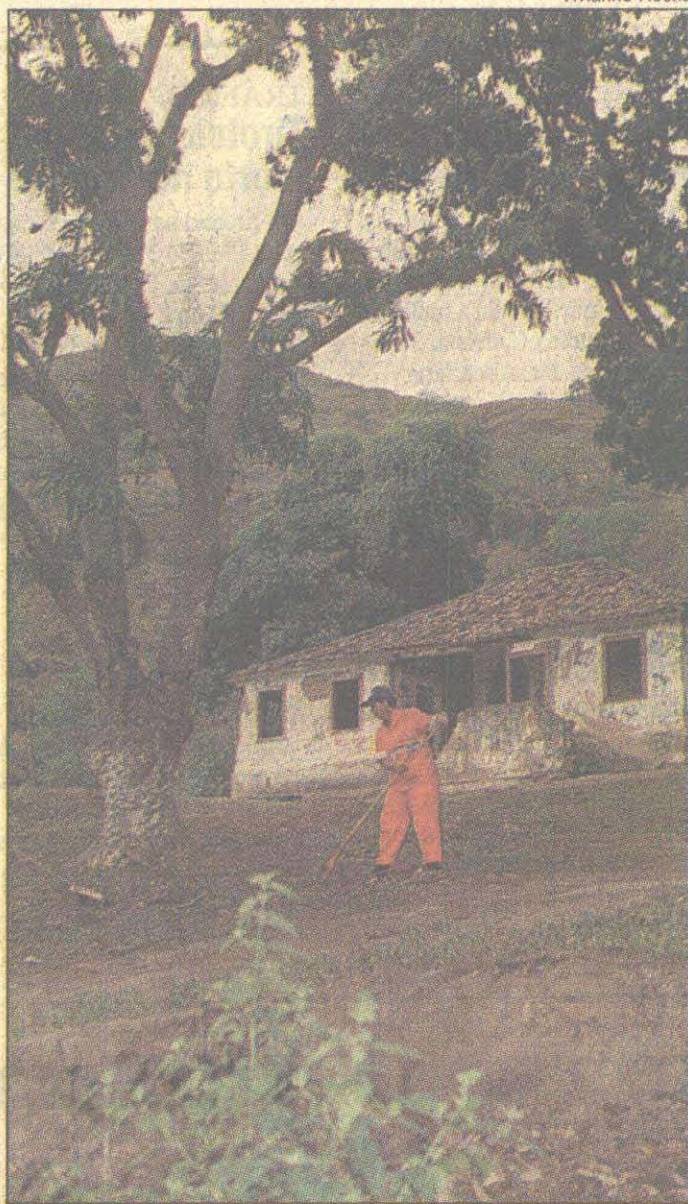
Vivianne Rocha

Faxina realça área de Mata Atlântica e ruína colonial

Ontem foi dia de faxina para centenas de moradores de Realengo (Zona Oeste). Munidos com vassouras e boa vontade, eles limparam 405 mil metros da Rua do Governo, na Serra do Barata, região do complexo do Maciço da Pedra Branca, que ainda guarda resquícios de Mata Atlântica. A área – que pertence ao estado, à prefeitura e a um proprietário particular – virou local de despachos e corre risco de se tornar um lixão.

O mutirão foi promovido pela Comissão de Meio Ambiente da Câmara de Vereadores, que já enviou ao órgão um projeto de lei para transformar o terreno – que se estende até Jacarepaguá – em Área de Proteção Ambiental. A idéia, segundo o presidente da comissão, vereador Fernando Gusmão (PCdoB), é fazer ali um parque, já que a região “não possui muitas opções de lazer”. “Temos que ver como ficarão os recursos para a manutenção da serra. Nós pretendemos gerar empregos para os moradores na região, como, por exemplo, com a implantação de um programa de guias para visitantes”, detalha Gusmão.

Enquanto o projeto não sai do papel, os moradores de Realengo resolveram se mobilizar para preservar a Serra do Barata. No último domingo, cerca de 100 pessoas foram visitar, em um passeio organizado pela Câmara, o Parque da Cidade, na Gávea. A idéia, segundo representantes da Comissão, foi dar um exemplo real do que pode vir a ser feito na Serra do Barata. Na quinta-feira, a causa ganhou um reforço: a Comlurb atendeu os pedidos dos moradores e apareceu ontem para ajudar na limpeza. “Moro aqui há 36 anos e não me lembro de ter visto a Comlurb nenhuma vez”, contou o morador José Manuel Marques Coelho.



A limpeza realçou a sede da fazenda na serra do Barata

Segundo a população da área, a região sofre com o descaso de seus donos há muito tempo. De acordo com Agda Valéria de Menezes, moradora de Realengo há 43 anos, uma empresa paulista, chamada São Judas Tadeu Granitos, explorava a área. “A empresa extraía pedra para exportar com explosivos. Os pilares da adutora de Guandu (localizada na Serra) começaram a rachar. E foi só assim que impediram o funcionamento da empresa”, conta Agda. Em 1997, os moradores conseguiram que a região fosse tombada por seis meses, mas como a Câmara não renovou o pedido, os pro-

blemas continuaram. De acordo com os moradores, a área está sendo invadida por posseiros que criam porcos e por caçadores. “Outro dia vi um homem descendo com um bicho preguiça morto na mão”, conta Luzia Mendes de Oliveira, de 70 anos, que mora há 15 anos na Rua do Governo. A casa da fazenda de estilo colonial do século 18 e a senzala – pertencentes a um proprietário particular – também estão sendo depredadas.

A Comissão de Meio Ambiente da Câmara dos Vereadores pretende realizar um levantamento para identificar o verdadeiro proprietário.